

# O PERCURSO DA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA DE PAUL RICOEUR EM DIREÇÃO AO “MUNDO DO TEXTO”

Frederico Soares de Almeida<sup>1</sup>

**RESUMO:** A proposta desse artigo é apresentar o percurso hermenêutico desenvolvido por Paul Ricoeur na primeira parte de sua obra “*Do Texto à Ação*”. O objetivo é mostrar o caminho hermenêutico construído por Ricoeur em direção ao “Mundo do Texto”. Esse itinerário hermenêutico está estruturado em torno de cinco questões fundamentais: 1) A realização da linguagem como discurso; 2) A relação do discurso como obra estruturada; 3) A relação da fala com a escrita no discurso e nas obras de discurso; 4) A obra de discurso como projeção de um mundo, o “Mundo do Texto”; 5) O discurso e a obra de discurso como mediação da compreensão de si. A hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur tem como temática central o “Mundo do Texto”. Ricoeur define o “Mundo do Texto” como um mundo que um texto propõe, um mundo no qual o leitor pode habitar, um mundo no qual se pode projetar seus possíveis mais próximos. Portanto, será mostrado todo esse percurso em direção ao “Mundo do Texto”. O método utilizado nesta pesquisa é o da revisão bibliográfica.

**Palavras-chave:** “Mundo do Texto”, Hermenêutica, Interpretação

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to present the hermeneutic course developed by Paul Ricoeur in the first part of his work "From Text to Action". The goal is to show the hermeneutic path built by Ricoeur towards the "Text World". This itinerary is structured around five fundamental questions: 1) The realization of language as discourse; 2) The relation of discourse as a structured work; 3) The relationship of speech and writing in discourse and discourse works; 4) The work of discourse as a projection of a world, the "World of Text"; 5) The discourse and work of discourse as mediation of self-understanding. Paul Ricoeur's philosophical hermeneutics has as its central theme the "Text World". Ricoeur defines the "World of Text" as a world that a text proposes, a world in which the reader can inhabit, a world in which one can project his closest possible ones. Therefore, this whole journey will be shown towards the "Text World". The method used in this research is the bibliographic review.

**Keywords:** “World of the Text”, Hermeneutics, Interpretation.

## 1. Introdução

A proposta desse artigo é apresentar o percurso hermenêutico desenvolvido por Paul Ricoeur na primeira parte de sua obra “*Do Texto à Ação*”. O objetivo é mostrar o caminho hermenêutico construído por Ricoeur em direção ao “Mundo do Texto”<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia na UFMG. Email: fredkrav@gmail.com

<sup>2</sup> Este artigo é um recorte de minha dissertação de mestrado intitulada “Uma análise da hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur na primeira parte da obra *Do Texto à Ação*”.

Paul Ricoeur pode ser visto como um dos grandes filósofos contemporâneos que procurou se debruçar diante das questões relacionadas ao campo da hermenêutica. Ricoeur entende que a hermenêutica pode ser vista como a “decifração da vida no espelho do texto”<sup>3</sup>. Diante dessa definição, Paul Ricoeur traz a noção de que a vida humana está cifrada e todo o processo de decifração não acontece de forma imediata, mas sim mediada pelo texto.

Em outras palavras, para Ricoeur conforme o leitor lê um texto específico é que ele vai decifrando a sua própria existência. É nesse sentido que a hermenêutica se torna filosófica pelo fato dela buscar o sentido da vida e não mais a intenção do autor ou a intenção do texto.

Diante dessa questão, Paul Ricoeur compreende que a hermenêutica tem como temática central a noção de “Mundo do Texto”. É por meio do “Mundo do texto” que a interpretação se torna possível. É o “Mundo do Texto” que em primeiro lugar torna um determinado texto significativo. Isso acontece devido ao fato de que é ele quem dá ao mesmo sentido e referência.

Ele desenvolve um caminho no seu pensamento para chegar ao “Mundo do Texto”. Esse artigo irá apresentar todo esse percurso. Esse itinerário hermenêutico está estruturado em torno de cinco questões fundamentais: 1) A realização da linguagem como discurso; 2) A relação do discurso como obra estruturada; 3) A relação da fala com a escrita no discurso e nas obras de discurso; 4) A obra de discurso como projeção de um mundo, o “Mundo do Texto”; 5) O discurso e a obra de discurso como mediação da compreensão de si<sup>4</sup>.

## **2. A efetuação da linguagem como discurso**

Paul Ricoeur compreende que o discurso, mesmo oral, apresenta um traço inicial de distanciação. Este traço inicial de distanciação pode ser visto com o título da dialética do evento e da significação. Para Fausto dos Santos o discurso oral aparece em Ricoeur como fundamentalmente marcado pela distanciação. Isso será entendido como a condição de possibilidade de toda teoria<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> RICOEUR. *Ensaio sobre a interpretação bíblica*, p. 49.

<sup>4</sup> RICOEUR. *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II*, p. 110.

<sup>5</sup> SANTOS. *Paul Ricoeur e a tarefa da hermenêutica ou ainda Paul Ricoeur e a hermenêutica da tarefa*, p. 168.

O discurso por um lado, se dá como evento. Quando uma pessoa fala alguma coisa acontece. A noção do discurso enquanto evento ou acontecimento impõe-se logo que se leva em consideração a passagem de uma linguística da língua ou do código a uma linguística do discurso ou da mensagem.

Paul Ricoeur percebe que afirmar que o discurso é um acontecimento significa dizer que ele se realiza temporalmente e no presente, enquanto o sistema da língua é virtual e fora do tempo. Neste sentido, Ricoeur pode falar a respeito da “instância do discurso” como o intuito de designar o aparecimento do próprio discurso como acontecimento<sup>6</sup>.

Outra questão importante que Ricoeur levanta ao afirmar que o discurso é um acontecimento é compreender que o discurso remete a seu locutor, por meio de um complexo conjunto de indicadores, tais como pronomes pessoais. A instância do discurso é auto-referencial pelo fato de o caráter do acontecimento está preso à pessoa daquele que fala.

O discurso também será visto como acontecimento. Enquanto os signos da linguagem remetem apenas para outros signos no interior do próprio sistema e fazem com que a língua não possua mais mundo que tempo e subjetividade, o discurso será sempre sobre algo. Ele irá referir a um mundo do qual busca descrever, exprimir ou representar.

Ricoeur diz que enquanto a língua é uma condição prévia da comunicação pelo qual fornece seus códigos, é no discurso que se trocam todas as mensagens. Diante desta questão, “o discurso não terá apenas um mundo, mas tem um outro, uma outra pessoa, um interlocutor ao qual ele se dirige, o acontecimento, neste último sentido, é o fenômeno temporal da troca, o estabelecimento do diálogo”<sup>7</sup>. O acontecimento trás a compreensão que esse diálogo pode prolongar-se ou interromper-se.

Para Ricoeur esses traços levados em conjunto transformam o discurso em um acontecimento, à reunião de todos eles faz com que o discurso seja visto como evento. Como se pode perceber, eles só aparecem no movimento de realização da língua em discurso, na atualização da competência linguística em performance.

Ao acentuar o caráter de acontecimento do discurso Ricoeur mostra apenas um lado dos dois pólos do par que o constitui. É necessário apresentar o segundo pólo que é a significação. Ricoeur afirma que:

---

<sup>6</sup> RICOEUR. *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II*, p. 111.

<sup>7</sup> RICOEUR. *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II*, p. 112.

[...] é da tensão entre estes dois pólos que nascem a produção do discurso como obra, a dialética da fala e da escrita e todos os outros traços do texto que irão enriquecer a noção de distanciação. Para introduzir esta dialética do acontecimento e do sentido, proponho-me, dizer que se todo o discurso é efetuado como acontecimento, todo o discurso é compreendido como significação<sup>8</sup>.

Diante desse processo da dialética do acontecimento e do sentido, todo discurso que é efetuado como acontecimento será compreendido como significação. Segundo Ricoeur, o que se procura entender não é o acontecimento, na medida em que o mesmo se torna fugidio, mas sua significação que permanece. Portanto, é na linguística do discurso que o acontecimento e o sentido se articulam um com o outro. Essa articulação será o centro de todo o problema hermenêutico.

A primeira distanciação que a hermenêutica deve tomar é a distanciação do dizer no dito. Conforme Ricoeur para esclarecer essa questão, a hermenêutica deve recorrer não apenas a linguística, mas também a teoria do *Speech-Act*, como pode ser vista em Austin e Searle.

Ricoeur afirma que para esses autores, o ato de discurso é constituído por uma ordem de atos subordinados, distribuídos em três níveis. O primeiro nível é chamado de ato locucionário ou proposicional que é entendido como o ato de dizer, o segundo nível é chamado de ato ilocucionário que significa o que fazemos ao dizer e o terceiro nível é chamado de ato perlocucionário que é visto como aquilo que se faz pelo fato de falar. Ricoeur explica que:

Se eu lhe digo que feche a porta, faço três coisas: relaciono o predicado da ação (fechar) com dois argumentos (você e a porta); é o ato de dizer. Mas digo-lhe esta coisa com a força de uma ordem e não de uma constatação, ou de um desejo, ou de uma promessa; é o ato ilocucionário. Finalmente, posso provocar certos efeitos, tais como o medo, pelo fato de lhe dar uma ordem; estes efeitos fazem do discurso uma espécie de estímulo que produz certos resultados; é o ato perlocucionário<sup>9</sup>.

Como mostra Fausto dos Santos é fundamental reconhecer esses três momentos do discurso, que são inscritos a partir de paradigmas gramaticais e sintáticos específicos, sendo assim passíveis de serem identificados ou reidentificados, “se não se

---

<sup>8</sup> RICOEUR. *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II*, p. 112.

<sup>9</sup> RICOEUR. *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II*, p. 113.

quiser ficar restrito a uma linguística da frase proposicional, o que tornaria a teoria, apenas locucionária”<sup>10</sup>.

Ricoeur busca compreender quais seriam as implicações dessas distinções, dos três níveis do ato de discurso, para o problema da exteriorização intencional por meio da qual o acontecimento se supera na significação. O ato locucionário exterioriza-se em frases enquanto proposição. Com efeito, é enquanto tal proposição que a frase é identificada e reidentificada como sendo a mesma frase.

O ato ilocucionário segundo Ricoeur também pode ser exteriorizado. Isso ocorre graças aos paradigmas gramaticais (os modos: indicativo e imperativo) e aos procedimentos que marcam a força ilocucionário de uma determinada frase. Por causa disso, ela pode ser identificada e reidentificada.

É necessário, admitir que o ato perlocucionário constitui o aspecto menos inscritível do discurso e caracteriza, de preferência, o discurso oral. Com tudo, a ação perlocucionária é precisamente o que, no discurso, é menos discurso. Ricoeur afirma que a ação perlocucionária é vista como o discurso enquanto estímulo. Nesse caso, a ação do discurso não ocorre por intermédio do reconhecimento da intenção de um determinado sujeito por meio de um interlocutor, mas, de certa maneira, de um modo energético, por influência direta sobre as emoções e as disposições afetivas do interlocutor.

Diante desta questão o ato proposicional, a força ilocucionária e a ação perlocucionária estão aptos, por ordem decrescente, à exteriorização intencional que torna possível a inscrição pela escrita. Por isso é fundamental entender por significação do ato do discurso, não somente o correlato da frase, no sentido escrito do ato da frase, mas também o da força ilocucionária e mesmo o da ação perlocucionária, “na medida, portanto, em que eles podem ser identificados e reidentificados como tendo a mesma significação”<sup>11</sup>. Para Ricoeur a palavra significação abrange todos os aspectos e todos os níveis da exteriorização intencional que possibilita a exteriorização do discurso na obra e nos escritos.

### **3. A transformação do discurso em obra**

---

<sup>10</sup> SANTOS. *Paul Ricoeur e a tarefa da hermenêutica ou ainda Paul Ricoeur e a hermenêutica da tarefa*, p. 170.

<sup>11</sup> RICOEUR. *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II*, p. 114.

Ao começar a apresentação do discurso como obra, Ricoeur propõe três traços distintivos da noção de obra. O primeiro traço distintivo é a noção de que uma obra é uma sequência maior do que uma frase que suscita um novo problema de compreensão relativo à totalidade finita e fechada, constituída pela obra enquanto tal. O segundo traço distintivo é a codificação. A obra é submetida a uma determinada forma de codificação que se aplica à própria composição, fazendo com que o discurso seja um relato, um poema, um ensaio e outras coisas mais. Ricoeur diz que “é esta codificação que é conhecida pelo nome de gênero literário, por outras palavras, pertence a uma obra filiar-se num gênero literário”<sup>12</sup>. Por fim, uma obra recebe uma configuração única, que a assimila a um indivíduo e que se chama de estilo.

Conforme Ricoeur, composição, pertença a um gênero, estilo individual caracterizam o discurso como obra. Eduardo Andrés Silva Arévalo diz que:

A relação frutífera entre a objetivação e a interpretação se dá quando se indica que o discurso é uma obra submetida a um determinado processo de composição, que é uma obra codificada em um gênero literário, que faz um relato, um poema ou um ensaio, e que é uma obra que recebe uma única configuração que chamamos de estilo (“tradução nossa”)<sup>13</sup>.

Segundo o pensamento de Ricoeur o próprio termo obra mostra a natureza dessas novas categorias. Essa nova natureza que é apresentada são as categorias da produção e do trabalho. Impor uma forma a matéria, submeter a produção a gêneros e produzir um indivíduo, “eis outros tantos modos de considerar a linguagem como um material a trabalhar e a formar”<sup>14</sup>. Não existe oposição radical entre o trabalho do espírito e o trabalho manual. Ricoeur diz:

[...] a este propósito, o que Aristóteles diz da prática e da produção: “Toda prática e toda produção conduzem ao individual: não é, de fato, o homem que o médico cura a não ser por acidente, mas Cálías ou Sócrates ou qualquer outro indivíduo assim designado que, ao mesmo tempo, é homem”. No mesmo sentido, G. G. Granger escreve em seu *Ensaio de uma filosofia do estilo*: “A prática é a atividade considerada com o seu contexto complexo e, em particular, as condições sociais que lhe dão significação num mundo efetivamente vivido”. O trabalho

---

<sup>12</sup> RICOEUR. *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II*, p.115.

<sup>13</sup> ARÉVALO. *Poética Del relato y poética teológica: aportes de la hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur et Recit para uma hermenêutica teológica*, p. 46.

<sup>14</sup> RICOEUR. *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II*, p. 115.

é, assim, uma das estruturas da prática, senão a estrutura principal: é “a atividade prática que se objetiva nas obras”<sup>15</sup>.

De acordo com Ricoeur a obra literária é o resultado de um trabalho que estrutura a linguagem. Ao comentar sobre esse ponto, Fausto dos Santos entende que nesse sentido não existe diferença entre produção braçal e produção intelectual. “Ambas resultam em coisas produzidas conforme um determinado fazer que se deixa guiar pela própria coisa a ser feita”<sup>16</sup>. Ao trabalhar o discurso, o ser humano opera a determinação prática de uma categoria de indivíduos que será vista como obras de discurso. É nesse momento que a noção de significação recebe uma especificação nova de ser levada para a escala da obra individual.

É por isso que Ricoeur percebe a existência de um problema de interpretação das obras, irredutível à simples inteligência das frases, uma a uma. Ricoeur afirma que a presença de estilo ressalta a categoria do fenômeno da obra como significante global enquanto obra. Sobre isso Fausto dos Santos diz:

A partir do estilo a obra literária é composta em um gênero literário. É isso que faz da obra um objeto estruturalmente identificável. Passível de ser explicado por uma análise estrutural. Com Ricoeur, a compreensão não elimina a explicação e nem vice-versa, antes pelo contrário, para o filósofo, “a explicação é o caminho obrigatório da compreensão”. Como que uma exigência da própria constituição do discurso como obra<sup>17</sup>.

Assim, Ricoeur percebe que o problema da literatura vem inscrever-se no fundo de uma estilística geral, entendida como “meditação sobre as obras humanas” e especificada pela concepção de trabalho, de que ela procura as condições de possibilidade.

Ricoeur recorda que o paradoxo inicial referente ao acontecimento e ao sentido, traz a noção de que o discurso é realizado como acontecimento e compreendido como sentido. Ao ser colocada na dimensão do discurso as categorias específicas da ordem da produção e do trabalho, a noção de obra surge como uma mediação prática entre a irracionalidade do acontecimento e a racionalidade do sentido. Como mostra Élsio José Corá:

---

<sup>15</sup> RICOEUR. *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II*, p. 115.

<sup>16</sup> SANTOS. *Paul Ricoeur e a tarefa da hermenêutica ou ainda Paul Ricoeur e a hermenêutica da tarefa*, p. 171.

<sup>17</sup> SANTOS. *Paul Ricoeur e a tarefa da hermenêutica ou ainda Paul Ricoeur e a hermenêutica da tarefa*, p. 171.

As noções de acontecimento e sentido inserem-se na noção de obra por ser o discurso realizado através da ordem de produção e trabalho. Ricoeur é categórico ao colocar a obra como “mediação prática entre a irracionalidade do acontecimento e a racionalidade do sentido”, entendendo o acontecimento como a própria estilização e essa por sua vez, como produtora de uma situação complexa, marcada por conflitos. Esse desenvolvimento da estilização efetua-se no centro de uma experiência já organizada e ao mesmo tempo aberta a novas indeterminações. Desta forma, o acontecimento e o sentido possuem na obra a mediação necessária. As noções de acontecimento e sentido ficam evidentes na noção de estilo que acumula ambas<sup>18</sup>.

O acontecimento é visto como a própria estilização, mas essa estilização apresenta uma relação dialética com uma situação concreta complexa que apresenta tendências, conflitos. A estilização aparece no seio de uma experiência já estruturada, mas comportando aberturas, possibilidades de jogo e indeterminações. Para Ricoeur apreender uma obra como acontecimento é apreender a relação entre a situação e o projeto no processo de reestruturação.

Como apresenta Ricoeur, a obra de estilização ganha a forma singular de uma determinada negociação entre uma situação anterior que, subitamente, aparece desfeita, não resolvida, aberta, e uma conduta ou uma estratégia que reorganiza os resíduos deixados pela estruturação anterior. Ele entende que:

Pela mesma razão, o paradoxo do acontecimento efêmero e do sentido identificável e repetível, que está no início da nossa meditação sobre a distanciação no discurso, encontra na noção de obra, uma mediação notável. A noção de estilo acumula as duas características do acontecimento e do sentido. O estilo, já o dissemos, surge temporalmente como um indivíduo único e, a este título, diz respeito ao momento irracional do partido tomado, mas a sua inscrição no material da linguagem dá-lhe a aparência de uma ideia sensível, de um universo concreto [...]<sup>19</sup>.

Logo, um sentido será visto como a promoção de um partido tomado, legível numa obra que, pela sua singularidade, ilustra e exalta o caráter acontecível do discurso. Esse acontecimento não deve ser procurado fora da própria forma da obra. Mas, se o indivíduo é teoricamente inapreensível, ele pode ser reconhecido como a singularidade de um processo, de uma construção, em resposta a uma situação determinada.

---

<sup>18</sup> CORÁ. *Hermenêutica e a teoria da ação em “o si-mesmo como um outro” de Paul Ricoeur*, p. 41-42.

<sup>19</sup> RICOEUR. *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II*, p. 116-117.

Ao falar sobre a noção de sujeito de discurso, Ricoeur afirma que ele recebe um novo estatuto. Isso acontece a partir do momento que o discurso se torna uma obra. A noção de estilo possibilita uma abordagem nova sobre a questão do sujeito da obra literária.

Sendo assim, o termo autor faz parte da estilística. O autor diz mais que o locutor. Ele é o artesão da linguagem segundo Ricoeur. Mas ao mesmo tempo a categoria do autor é uma categoria da interpretação, no sentido de que ela é contemporânea da significação da obra como um todo. A configuração singular da obra e a configuração singular do autor são estritamente correlativas. O ser humano se individua construindo obras individuais. A assinatura é a marca dessa relação.

A consequência mais fundamental da introdução da categoria de obra prende-se a própria noção de composição<sup>20</sup>. A obra de discurso apresenta, efetivamente, características de organização e de estrutura que possibilitam estender ao próprio discurso os métodos estruturais. Estes inicialmente foram aplicados com sucesso às entidades da linguagem mais curtas que a frase, em fonologia e em semântica.

Assim sendo, Ricoeur entende que a objetivação do discurso na obra e o caráter estrutural da composição, a que se acrescentará a distanciação pela escrita, trás o questionamento por completo a oposição recebida de Dilthey entre “compreender” e “explicar”.

Esse questionamento para Ricoeur inaugura uma nova fase para hermenêutica. Abre-se uma nova época da hermenêutica devido ao sucesso da análise estrutural. Nesse novo momento da hermenêutica, pode-se perceber que a explicação será o caminho obrigatório da compreensão.

Conforme Ricoeur, a objetivação do discurso em uma obra estruturada não suprime o traço fundamental e primeiro do discurso, a saber, que ele é formado por um conjunto de frases em que alguém fala alguma coisa a alguém a propósito de alguma coisa.

Para Ricoeur a hermenêutica continua a ser a arte de discernir o discurso na obra. Este discurso é dado apenas em e pelas estruturas da obra. Logo, se resulta que a interpretação é a replica da distanciação fundamental que constituiu a objetivação do ser humano nas suas obras de discurso, e que podem ser comparáveis à sua objetivação nos produtos do seu trabalho e da sua arte.

---

<sup>20</sup> RICOEUR. *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II*, p. 117.

#### 4. A associação da fala com a escrita

Depois de apresentar a efetuação do discurso como obra, Ricoeur continua sua exposição até o “Mundo do Texto” mostrando a relação da fala com a escrita. Um dos fatores que contribuiu para o nascimento da filosofia na Grécia antiga foi o surgimento da escrita linear alfabética. Como afirma Fausto dos Santos:

Se pensarmos na filosofia grega como algo que se dá a partir de um processo de suspeição dos deuses, (e essa é sem dúvida uma das chaves para se compreender tal fenômeno) entenderemos porquê. Antes da escrita, a função de fixar a fala é dada pela Memória. Memória com letra maiúscula, pois que é uma deusa [...]. Musa dos poetas, aedos e rapsodos. Ora, no momento em que o homem pode, ele próprio, fixar sua fala sem o auxílio da Memória, a deusa vai perdendo seu antigo estatus quo. Ainda mais quando o homem percebe que pode ser tornar mais eficiente, justamente no momento em que toma para si, aquilo que antes era função divina. Se para os gregos antigos a passagem da fala à escrita vai propiciar uma autonomia dos homens em relação aos deuses, para Ricoeur, tal movimento, representará a possibilidade da autonomia do texto em relação ao seu autor. O que lhe permitirá combater o psicologismo das teorias românticas da interpretação<sup>21</sup>.

Dando sequência em sua exposição Ricoeur se pergunta sobre o que acontece quando o discurso passa da fala à escrita. Para explicar essa questão ele traz a compreensão que a escrita a primeira vista introduz um fator puramente exterior e material, a fixação que coloca o acontecimento de discurso ao abrigo da destruição<sup>22</sup>.

Para Ricoeur a fixação é somente a aparência externa de um problema singularmente mais importante, que irá atingir todas as propriedades do discurso. A escrita torna o texto autônomo em relação à intenção do autor. Segundo Ricoeur o significado de um determinado texto já não pode ser visto mais com aquilo que seu autor queria dizer.

Ricoeur entende que essa primeira modalidade de autonomia estimula o ser humano a reconhecer na *Verfremdung* (distinção alienante) uma significação positiva que não se reduza ao caráter de degradação que Gadamer procura lhe atribuir. Em contrapartida, nessa autonomia do texto já está contida a possibilidade daquilo que Gadamer chama a “coisa” do texto seja subtraída ao horizonte intencional acabado por

---

<sup>21</sup> SANTOS. *Paul Ricoeur e a tarefa da hermenêutica ou ainda Paul Ricoeur e a hermenêutica da tarefa*, p. 172-173.

<sup>22</sup> RICOEUR. *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II*, p. 118.

seu autor. Em outras palavras, graças à escrita o “mundo” do texto pode fazer explodir o mundo do autor. A emancipação do texto, graças à escrita, faz com que o mesmo se torne independente ao mundo do autor.

Ao comentar sobre a autonomia do texto em relação à intenção autoral Eduardo Andrés Silva Arévalo diz:

Ao longo do discurso oral a escrita se faz explícita nas características que descrevemos acima, pelo tripé da autonomia que salienta o texto escrito. A autonomia da intenção do autor que, já não está mais presente, abandona o texto com seu próprio significado<sup>23</sup> (“tradução nossa”).

Portanto, Ricoeur percebe que o texto deve poder descontextualizar-se de maneira a deixar-se recontextualizar numa nova situação. Élsio José Corá analisando o pensamento de Ricoeur diz que:

Ao tratar da abordagem empreendida pelo autor sobre o sentido do texto, em Ricoeur, Armand Veilleux comenta que, uma vez que o texto saiu das mãos de seu autor, este adquire uma existência própria e assume um novo sentido cada vez que é lido, cada leitura é uma interpretação, que é, ao mesmo tempo, a revelação de uma das quases infinitas possibilidades contidas no texto<sup>24</sup>.

Essa emancipação em relação ao autor apresenta seu paralelo em relação ao leitor. “Diferentemente da situação dialogal, em que o frente a frente é determinado pela própria situação de discurso, o discurso escrito chama a si um público que se estende virtualmente a quem quer que saiba ler”<sup>25</sup>. É aqui que segundo Ricoeur, a escrita descobre o seu efeito mais considerável, a emancipação da coisa escrita em relação à condição dialogal do discurso. O resultado disso será que a relação entre escrever e ler já não será mais um caso particular da relação entre falar e ouvir.

Logo, Ricoeur parte da compreensão da plena autonomia de um texto. A autonomia de um texto para Ricoeur apresenta uma primeira consequência hermenêutica importante, a distanciação não é o produto da metodologia e, a este título, algo de acrescentado e de parasitário. Ele é constitutivo do fenômeno do texto como escrita, ao mesmo tempo, ela é também condição da interpretação, a distanciação

---

<sup>23</sup> ARÉVALO. *Poética Del relato y poética teológica: aportes de la hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur et Recit para uma hermenêutica teológica*, p. 46.

<sup>24</sup> CORÁ. *Hermenêutica e teoria da ação em “o si-mesmo como um outro” de Paul Ricoeur*, p. 44.

<sup>25</sup> RICOEUR. *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II*, p. 119.

alienante não é apenas aquilo que a compreensão precisa vencer, ela é também aquilo que a condiciona.

A passagem da fala à escrita afeta o discurso de muitos modos, de forma especial o funcionamento da referência sofre alteração quando não se consegue mostrar a coisa de que se fala como pertencendo à situação comum aos interlocutores do diálogo. Mas reserva-se uma análise distinta para esse fenômeno, intitulada de “Mundo do Texto”.

## **5. Em direção ao “Mundo do Texto”**

É a preocupação com a linguagem que leva Paul Ricoeur a centrar toda sua hermenêutica na noção de texto que exige o trabalho de interpretação, o qual, por sua vez, evidencia aquilo que se desenvolve no fundo de uma determinada obra literária. O trabalho de interpretação do leitor é antecipado por um movimento interpretativo no interior do próprio texto. Walter Salles diz que:

Antes de ser obra do leitor, a interpretação é um movimento em ação no próprio texto, cabendo ao leitor desvelar este dinamismo e em seguida prolongá-lo em sua própria existência. E prolongar significa extrair novas significações na linha do sentido fundamental do texto, o que Ricoeur chama de fusão entre o mundo do leitor e o mundo do texto, na linha do pensamento de Gadamer. O que interessa de modo particular a Ricoeur é a veemência ontológica da linguagem, sua capacidade de dizer o ser humano e o mundo, sendo a noção de mundo do texto um dos eixos estruturantes da hermenêutica textual, ao ser entendido como projeção de mundo e como mediação da compreensão de si<sup>26</sup>.

Conforme Ricoeur, a superação do historicismo psicologizante da hermenêutica romântica e do objetivismo coisificador das análises estruturais se dá através da noção de “Mundo do Texto. Sobre isso Ricoeur afirma que:

O traço que colocamos sob o título “Mundo do Texto” irá levar-nos ainda mais longe das posições da hermenêutica romântica, que são ainda as de Dilthey, mas também aos antípodas do estruturalismo que eu aqui recuso como o simples contrário do romantismo<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup> SALLES. *Paul Ricoeur e a refiguração da vida diante do mundo do texto*, p. 265.

<sup>27</sup> RICOEUR. *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II*, p. 119-120.

Para Ricoeur a hermenêutica romântica buscava enfatizar a expressão de genialidade, igualar-se a essa genialidade, tornar-se contemporânea dela, era tarefa da hermenêutica. Dilthey, próximo ainda, neste sentido, da hermenêutica romântica, fundava todo seu conceito de interpretação sobre o de compreensão, vale dizer, na apreensão de uma vida estranha que se exprime através das objetivações da escrita.

Conforme Paul Ricoeur é deste ponto que aparece o caráter psicologizante e historicizante da hermenêutica romântica e diltheyana. Este caminho se torna mais acessível, a partir do momento em que é levado em consideração a distanciação, por meio da escrita, e a objetivação, por meio da estrutura da obra.

Ricoeur entende que a hermenêutica não pode ser vista mais como algo que procure alcançar a genialidade do autor e não pode também se restringir à reconstituição estrutural de uma obra.

A noção de “Mundo do Texto” prolonga para Ricoeur o que foi chamado anteriormente de referência ou denotação do discurso. Como diz Paul Ricoeur:

[...] em toda a proposição podemos distinguir, com Frege, o seu sentido e a sua referência. O seu sentido é objeto ideal que ela visa, este sentido é puramente imanente ao discurso. A sua referência é o seu valor de verdade, a sua pretensão de atingir a realidade. Por esta característica, o discurso opõe-se à língua que não tem relação com a realidade, remetendo as palavras para outras palavras na roda sem fim do dicionário, apenas o discurso, dizíamos nós, visa às coisas, se aplica à realidade, exprime o mundo<sup>28</sup>.

A questão que surge agora é a dificuldade que aparece no momento em que o discurso se transforma em texto. Segundo Ricoeur o problema reside no entendimento sobre o que ocorre com a referência quando o discurso se torna texto. Ricoeur supõe que o discurso nunca é para sua própria glória, mas quer levar à linguagem uma experiência, uma determinada maneira de habitar e estar-no-mundo que o precede e pede para ser dita. Essa referência é aquilo sobre o qual fala o texto, que se acha exposto diante dele, os mundos que são propostos, abertos pelo texto, um pedido sobre uma nova forma de olhar para as coisas.

Paul Ricoeur acredita que é a abolição do caráter mostrativo ou ostensivo da referência que torna possível o fenômeno que é denominado de literatura, onde para ele toda referência à realidade dada pode ser abolida. Contudo, Ricoeur acha que é com o surgimento de certos gêneros literários, que normalmente estão ligados à escrita, mas

---

<sup>28</sup> RICOEUR. *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II*, p. 120.

não necessariamente tributários desta, que essa abolição da referência ao mundo dado é levada até suas mais extremas condições. Para Ricoeur este é o papel de grande parte da literatura, desconstruir o mundo.

O filósofo francês define o “Mundo do Texto” como um mundo que um texto propõe, um mundo no qual o leitor pode habitar, um mundo no qual se pode projetar seus possíveis mais próximos. É o “Mundo do Texto” que em primeiro lugar torna um determinado texto significativo. Isso acontece devido ao fato de que é ele quem dá ao mesmo sentido e referência. David Pellauer ao comentar sobre o “Mundo do Texto” diz que:

Trata-se de algo que o texto, por assim dizer, projeta não atrás, mas à frente de si. Dissemos que o discurso é sempre sobre algo. Os textos são, em última análise, sobre esse “mundo” que os leitores podem se imaginar habitando. Daí compreender um texto (ou qualquer instância de discurso) depende, para Ricoeur, de captar o mundo do texto (ou do que é dito) como um mundo que eu posso ou nós podemos imaginar habitando. Mas uma vez que o “eu” (ou nós) em questão difere no tempo, assim também o significado do texto de que alguém se apropria vai diferir de alguma forma de uma época para outra e de um lugar para outro, sem por tudo isso se tornar sem significado<sup>29</sup>.

A interpretação se torna possível, graças à categoria hermenêutica defendida por Ricoeur como “Mundo do Texto”. O “Mundo do Texto” une e comunica entre si dois sujeitos, o autor e o leitor. O que é apropriado na leitura de um texto específico é uma proposição de mundo, de novas possibilidades de ser e agir a partir do mundo que se desdobra diante do texto e do leitor, sendo que o leitor consegue interpretar um texto ao aproximar da obra literária uma situação que se constitui para além do próprio texto. Lawrence K. Schmidt afirma que:

Primeiro, aquilo que é apropriado não é a intenção do autor, mas o significado do texto, ou seja, o mundo da obra à frente do texto. Ricoeur propõe que esta compreensão do texto está próxima do conceito de Gadamer da fusão dos horizontes. Segundo, a hermenêutica não é governada pelo receptor original do texto – “o significado do texto está aberto a qualquer um que saiba ler”, o que teria sido demonstrado convincentemente por Gadamer. Terceiro, a apropriação do significado de um texto não é determinada subjetiva ou relativamente apenas pelo leitor, que é o problema que Ricoeur encontra no conceito de aplicação de Gadamer. Em vez disso, o que se “torna próprio” é “o projeto de um mundo, pro-posição de um modo

---

<sup>29</sup> PELLAUER. *Compreender Ricoeur*, p. 86-87.

de ser no mundo que o texto abre à frente de si mesmo através de suas referências não ostensivas<sup>30</sup>.

Por fim, é este o terceiro tipo de distanciamento que, segundo Ricoeur, a experiência hermenêutica precisa incorporar. Essa distanciamento é a distanciamento do sentido na referência. Aqui, Ricoeur termina sua apresentação com respeito ao “Mundo do Texto”. É preciso realizar agora, o último caminho do itinerário da hermenêutica de Ricoeur. Esse caminho busca mostrar o discurso e a obra de discurso como mediação da compreensão de si.

## 6. A compreensão de si diante da obra

Paul Ricoeur apresenta a quarta e última dimensão da noção de texto, mostrando que o texto é a mediação pela qual o leitor compreende a si mesmo. Ao falar do compreender-se perante a obra, Ricoeur traz a noção da hermenêutica do si-mesmo. Ricoeur diz que:

Este quarto tema marca a entrada em cena da subjetividade do leitor. Ele prolonga este caráter fundamental de todo o discurso, o de ser dirigido a alguém. Mas, diferentemente do diálogo, este frente a frente não é dado na situação de discurso, ele é, se assim posso dizer, criado, instaurado, instituído pela própria obra. Uma obra franqueia-se aos seus leitores e, assim, cria o seu próprio frente a frente subjetivo<sup>31</sup>.

Para ele, esse problema é bem conhecido da hermenêutica tradicional. Esse problema é o problema da apropriação (ou da aplicação) de um determinado texto à situação presente do leitor. Fausto dos Santos diz que:

Ricoeur quer falar agora, da subjetividade do leitor, da recepção da obra. Em terminologia adequadamente hermenêutica tratar-se-á da questão da apropriação. Na obra, o fato de todo discurso ser dirigido a alguém é extremamente ampliado. Pode-se supor, para todos aqueles que sabem ler. Como nos diz Habermas, o leitor “pode aproximar-se de um texto que lhe é estranho, partindo de contextos completamente diferentes, sem possuir nenhum laço interno antecipado ou histórico com ele”. Por conta disso, o tema da apropriação também deve estar ligado à dialética do evento e da significação, posta em marcha desde

---

<sup>30</sup> SCHMIDT. *Hermenêutica*, p. 223-224.

<sup>31</sup> RICOEUR. *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II*, p. 123.

o início da investigação, realçada pelo distanciamento ontológico da escrita<sup>32</sup>.

É dessa forma que Ricoeur compreende. Contudo, dentro desse contexto, esse tema fica completamente transformado. Essa transformação acontece por causa de três motivos que Ricoeur expressa a partir de agora.

O primeiro motivo, conforme Ricoeur é a noção de que a apropriação está dialeticamente ligada à distanciação típica da escrita<sup>33</sup>. Esta não será abolida pela apropriação. Pelo contrário, é sua contrapartida. Para Ricoeur é graças à distanciação por meio da escrita que a apropriação já não apresenta nenhuma das características da afinidade afetiva com a intenção do autor. A apropriação é na verdade o contrário da contemporaneidade e da congenitalidade, ela é compreensão pela distância, compreensão à distância.

O segundo motivo, de acordo com Ricoeur, a apropriação está dialeticamente ligada à objetivação característica da obra. Ela passa por todas as objetivações estruturais do texto, exatamente na medida em que não responde ao autor, ela responde ao sentido. Na contramão da tradição do *cogito* e à pretensão do sujeito de se conhecer a si mesmo por intuição imediata, Ricoeur entende que:

[...] é preciso dizer que nós apenas nos compreendemos pela grande digressão dos signos de humanidade depositados nas obras de cultura. Que saberíamos nós do amor e do ódio, dos sentimentos éticos e, em geral, de tudo aquilo a que nós chamamos o si, se isso não tivesse sido traduzido à linguagem e articulado pela literatura? O que parece, assim, mais contrário à subjetividade e que a análise estrutural faz aparecer como a própria textura do texto, é o próprio *medium* no qual apenas nos podemos compreender<sup>34</sup>.

O terceiro motivo, segundo Ricoeur, é que a apropriação tem, sobretudo, como frente a frente, aquilo que Gadamer chama a “coisa do texto” e que Ricoeur chama de “Mundo do Texto”. Aquilo que é apropriado pelo leitor é uma proposta de mundo. A apropriação é um processo de despojamento. Nesse sentido, a interpretação é, conforme Ricoeur, o processo por meio do qual o desvelamento de novos modos de ser proporciona ao sujeito uma nova capacidade de a si mesmo se reconhecer. Essa proposta não está atrás do texto, como estaria uma intenção encoberta, mas diante dele

---

<sup>32</sup> SANTOS. *Paul Ricoeur e a tarefa da hermenêutica ou ainda Paul Ricoeur e a hermenêutica da tarefa*, p. 178.

<sup>33</sup> RICOEUR. *Hermenêutica e ideologias*, p. 67.

<sup>34</sup> RICOEUR. *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II*, p. 123.

como aquilo que a obra desenvolve, descobre e revela. Compreender é compreender-se diante do texto. Não impor ao texto a sua própria capacidade finita de compreender, mas expor-se ao texto e receber do mesmo um si mais vasto que seria a proposta da existência, respondendo da maneira mais apropriada à proposta do mundo.

Logo, a hermenêutica para Ricoeur diz respeito a todo ser humano que procura a compreensão do mundo e de si mesmo. Quando o leitor torna-se contemporâneo ao texto através do desejo da compreensão de si, ele pode colocar-se em direção ao sentido que o texto aponta, mas sem que a questão da compreensão de si seja colocada como questão introdutória e como centro de gravidade. Walter Salles mostra que:

[...] Interpretar é “decifrar a vida no espelho do texto” e neste empreendimento hermenêutico, promove-se a confrontação, o diálogo, a conversão, entre o leitor-intérprete e a proposição de mundo feita pelo texto. De fato, uma proposição de mundo é aquilo que deve ser interpretado em um texto, o mundo do texto é o objeto propriamente dito da hermenêutica, a proposição de uma nova possibilidade de ser e agir que ao entrar em contato com o mundo do leitor o refaz, seja confirmando seja reconfigurando. Nesta dinâmica de uma nova compreensão de si, o leitor somente se encontra como tal ao perder-se ao trocar a pretensa origem radical da subjetividade por uma postura mais modesta, a de leitor e intérprete da própria vida. A compreensão de si significa, pois, desapropriação e reapropriação, o que supõe uma distância crítica de si mesmo, ou ainda, a ideia de alteridade no interior da própria subjetividade ou, para dizer como Ricoeur, a ideia de “um si mesmo como outro”. [...] A interpretação chega a “termo” na compreensão que o leitor faz de si mesmo, do leitor que doravante se compreende melhor, se compreende diferentemente ou começa a se compreender na permanente aventura da interpretação. A compreensão de um texto passa a ser também a compreensão da nossa situação de leitores. O que é compreendido não é a intenção de outra pessoa, a do autor do texto, mas um projeto de vida ou, na linguagem heideggeriana, o esboço de um novo ser-no-mundo<sup>35</sup>.

Ricoeur tem a noção de que é preciso caminhar um pouco mais, da mesma maneira que o “Mundo do Texto” só é real na medida em que é fictício, é importante dizer que a subjetividade do leitor só se manifesta a si mesma na medida em que é posta em suspenso, irrealizada, potencializada, do mesmo modo que o próprio mundo que o texto desenvolve. Em outras palavras, se a ficção é vista como uma dimensão fundamental da referência do texto, ela não é menos uma dimensão fundamental da subjetividade do leitor.

---

<sup>35</sup> SALLES. *Paul Ricoeur e a refiguração da vida diante do mundo do texto*, p. 266-267.

Com efeito, a metamorfose do ego, necessita de um momento de distanciamento até na relação de si a si. A compreensão será tanto desapropriação como apropriação. Uma crítica das ilusões do sujeito, à maneira marxista e freudiana, pode ser incorporada na compreensão de si.

A consequência para a hermenêutica é importante. Ricoeur diz que não se deve mais opor hermenêutica e crítica das ideologias. Para ele, a crítica das ideologias é o caminho que a compreensão de si deve necessariamente tomar, caso esta se deixe formar pela coisa do texto e não pelos preconceitos do leitor.

Contudo, é necessário reconduzir para o cerne da compreensão de si a dialética da objetivação e da compreensão que havia sido percebida antes do nível do texto, das suas estruturas, do seu sentido e da sua referência. A distanciamento é a condição da compreensão.

## **7. Considerações finais**

A hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur é de extrema relevância para a filosofia contemporânea. Ela tem como preocupação refletir sobre o sentido da vida. Essa reflexão, sobre o sentido da vida é fundamental para o ser humano, pois o mesmo se encontra num processo eterno de busca de sentido. É por causa dessa preocupação pelo sentido da vida que a hermenêutica se tornará filosófica.

Em Ricoeur a hermenêutica filosófica também é importante por buscar ir além da mera exegese de textos. Como já foi falado, ela está em busca de descobrir o “Mundo do Texto”. A hermenêutica, em seu aspecto textual, coloca o acento não sobre a relação dialogal entre autor e leitor, e nem sobre a decisão do ouvinte da palavra, mas sim sobre o “Mundo do Texto”. É nesse “Mundo do Texto” que a compreensão de si é modelada pela hermenêutica. Para Ricoeur a linguagem não é para ela mesma, mas em vista do mundo que ela tem a capacidade de abrir e descobrir. Portanto a interpretação da linguagem não será distinta da interpretação do mundo.

A hermenêutica para Ricoeur não terá como objetivo realizar uma investigação para descobrir as intenções psicológicas escondidas no texto. A hermenêutica se preocupará em explicitar o ser-no-mundo revelado pelo texto. Neste mundo aparece a possibilidade do interprete poder entrar e se apropriar das possibilidades que ele proporciona, é um mundo proposto pelo texto no qual o leitor pode habitar.

Para Paul Ricoeur a hermenêutica não pode ser apenas a busca pela compreensão e apropriação do sentido dos textos. Ela deve ser um trabalho de compreensão do ser humano e do mundo no qual ele vive. Por isso que para Ricoeur toda filosofia é hermenêutica. O trabalho da interpretação será penetrado pela profunda intenção de vencer as distâncias e as diferenças culturais, buscando harmonizar o leitor com o texto que se lhe tornou estranho e incorporando seu sentido na compreensão atual que um homem é capaz de ter de si mesmo, através da necessária mediação pelo texto.

Paul Ricoeur busca construir uma teoria filosófica da interpretação que procure levar em conta a ação do ser humano. Sua hermenêutica terá como base discernir a “coisa do texto” e não a psicologia do autor. Segundo Ricoeur a “coisa do texto” é tão importante para sua estrutura como a referência é para o sentido na proposição. No texto não se pode apenas ficar com a estrutura imanente, pelo sistema interno de dependência proveniente do entrecruzamento dos códigos que o texto põe em ação. Deve-se ir além disso. Deve-se buscar explicitar o mundo que o texto projeta.

## 8. Referências

ARÉVALO, Eduardo Andrés Silva. *Poética Del relato y poética teológica: aportes de la hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur en Temps et Récit para una hermenêutica teológica*. Revista de la Facultad de Teología de la Universidad Católica de Chile, Santiago de Chile, v. LI, cuaderno 1, 2000.

CORÁ, Élsio José. *Hermenêutica e teoria da ação em “o si-mesmo como um outro” de Paul Ricoeur*. Santa Mária: Universidade Federal de Santa Mária, 2004. Dissertação de mestrado não publicada.

COSTA, Miguel Dias. *Lógica do sentido na filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur*. Revista Portuguesa de Filosofia, Braga, v. 46, n. 1, p. 143-168, jan.-mar. 1990.

PELLAUER, David. *Compreender Ricoeur*. Petrópolis: Vozes, 2010.

RICOEUR, Paul. *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II*. Portugal: Rés Editora, 1991.

\_\_\_\_\_. *Ensaio sobre a interpretação bíblica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. *Hermenêutica e ideologias*. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

SALLES, Walter. *Paul Ricoeur e a refiguração da vida diante do mundo do texto*. Síntese: Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v.39, n. 124, p. 259-278, Mai./Ago. 2012.

SANTOS, Fausto dos. *Paul Ricoeur e a tarefa da hermenêutica ou ainda Paul Ricoeur e a hermenêutica da tarefa*. Revista Perspectiva Filosófica, Recife, v. II, n. 22, p. 157-181, Jul/Dez. 2004.

SCHMIDT, Lawrence. *Hermenêutica*. Petrópolis: Vozes, 2012.

SUMARES, Manuel. *História e verdade*. Revista Portuguesa de Filosofia, Braga, v. 35, n. 3, p. 334-335, jul./set. 1979.